

Sarney diz que acúmulo de cargos causou a desistência

Tarcísio Holanda,
da Editoria de Política

02 DEZ 1982

O senador José Sarney continua explicando aos seus correligionários que resolveu se afastar da disputa pela presidência do Senado a partir do momento em que concluiu que não era conveniente acumular esse cargo com a presidência do PDS e, muito menos, disputar dentro da bancada com outros correligionários (o líder Nilo Coelho e o vice líder Aloísio Chaves).

O senador maranhense manteve um encontro com o presidente da República, há cerca de um mês, quando o general João Baptista de Figueiredo admitiu que ele poderia acumular as presidências do Senado e do PDS, a exemplo dos senadores Filinto Müller e José Sarney. Naquela conversa, ele tomou a iniciativa de ponderar ao presidente da República que tal acumulação seria inconveniente em tempos de abertura política.

TAREFA MAIOR

A alguns amigos que lhe disseram que os senadores Filinto Müller e Petrônio Portela acumularam as duas funções, o senador José Sarney afirmou que aqueles tempos eram os do Ato Institucional nº 5, bastante diferentes dos atuais, marcados pelo processo liberalizante do projeto de abertura política.

Sarney, que surpreendeu a própria bancada do PDS com a sua decisão de se afastar da disputa pela presidência do Senado, também deixou claro que não ficaria bem que o presidente do partido disputasse uma indicação dentro da bancada, contra alguns de seus correligionários.

As explicações do senador maranhense não se mostram convincentes para alguns parlamentares do PDS, que continuam manifestando estranheza diante de seu gesto. Um desses senadores, disse que o governo deu uma demonstração de que não deseja mudanças no alto comando do partido para evitar que pretendentes à candidatura a presidente da República na legenda oficial venham a se envolver numa disputa pela presidência.

O ex-governador de São Paulo, Sr. Paulo Maluf, já teria manifestado a alguns de seus amigos e correligionários a disposição de lutar para eleger o futuro presidente do PDS, se o senador José Sarney viesse a se afastar do cargo para assumir a presidência do Senado, como anunciara.

Ontem pela manhã, o senador Nilo Coelho dava a sua própria versão. Para ele, o presidente do PDS resolveu se afastar da disputa quando verificou a impossibilidade de acumular as duas importantes funções públicas.

O líder governista no Senado acredita que, ainda neste fim de semana, antes do encerramento da atual legislatura (em sessão solene, domingo), o Palácio do Planalto deverá conversar com alguns dirigentes a ser adotado para a escolha dos presidentes da Câmara e do Senado.

Nilo Coelho admitiu claramente a possibilidade de que ele e Sarney possam vir a ser convidados pelo ministro Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, para uma reunião neste fim de semana, depois que o presidente dos Estados Unidos tiver deixado o Brasil.

Desde o início da disputa, Coelho tem afirmado que a escolha do presidente do Senado terá a participação do presidente da República, mas será decidida pela bancada do PDS na Casa.

Como um jornalista argumentasse que, de 1964 até esta data, o governo nunca deixou de ter o candidato de sua preferência, seja para a presidência da Câmara, seja para a do Senado, o senador Nilo Coelho não se conteve:

— Vocês não notaram que os tempos são outros. Não temos mais o AI-5. Agora, é política e política é conversa.

Nilo Coelho e Aloísio Chaves não estão sós, pois havia quem acrescentasse, ontem, o nome do senador cearense Virgílio Távora. Ainda que já tenha ocupado uma cadeira no Senado, de 1970 a 1978, Virgílio é considerado "fora do páreo", uma vez que é senador novo, eleito entre os 25 nos 23 Estados.